

PREFEITURA MUNICIPAL DE CAPELINHA
Secretaria Municipal de Cultura e Turismo / Setor de Patrimônio Cultural
Rua Doutor Hermelindo, 382 – Centro – Capelinha/MG

BENS MÓVEIS E INTEGRADOS	CÓD.: BMI 61
1. Município: Capelinha	
2. Distrito – Povoado: Sede	
3. Acervo: Conjunto Paisagístico da Rua João Alfredo	
4. Propriedade – Direito de propriedade: Eclesiástica	
5. Endereço: Rua João Alfredo – Bairro Água Santa	
6. Responsável: Cônego Ricardo Luiz dos Santos	
7. Designação; Cruzeiro São Sebastião	
8-Localização Específica: Está na extremidade de baixo do Jardim da Rua João Alfredo	
9. Espécie: Atributos de Imaginaria: Cruz	
10. Época: Primeira metade do século XX.	
11. Autoria: S/R	
12. Origem: Minas Gerais / Capelinha	
13. Procedência: Capelinha	
14. Material / Técnica: Madeira / Escultura	
15. Marcas / Inscrições / Legendas: N/R	
16. Documentação Fotográfica:	
	
Parte frontal do Cruzeiro	
Fotógrafo: Wagner Lopes Ferreira	
Fotografia: (x) Digital () Analógica – Negativo n°:	Data: Maio/2008

PREFEITURA MUNICIPAL DE CAPELINHA
Secretaria Municipal de Cultura e Turismo / Setor de Patrimônio Cultural
Rua Doutor Hermelindo, 382 – Centro – Capelinha/MG



Fotógrafo: Wagner Lopes Ferreira

Fotografia: (x) Digital () Analógica – Negativo n°:

Data: Maio/2008



Fotógrafo: Edson Ramos Rodrigues

Fotografia: (X) Digital () Analógica – Negativo n°:

Data: Setembro/2010

PREFEITURA MUNICIPAL DE CAPELINHA
Secretaria Municipal de Cultura e Turismo / Setor de Patrimônio Cultural
Rua Doutor Hermelindo, 382 – Centro – Capelinha/MG

17. Descrição: O Cruzeiro foi confeccionado em madeira de Eucalipto, sua estrutura possui 7,3 m de altura; 2,1 m de comprimento e 15 cm de largura, o bem está fincado a cerca de 1 m de profundidade. Sua produção artesanal é notável devido a ausência de pintura, estando sua policromia simplificada há apenas a cor da madeira. O Cruzeiro São Sebastião não possui talhe nem arte aplicada. A base é de concreto sendo esta situada sobre um canteiro central. A mesma se encontra em forma de pirâmide, sendo que estão como dois degraus. As madeiras do cruzeiro foram fixadas com pregos.
18. Condições de Segurança: Razoável
19. Proteção Legal: Nenhum
20. Dimensões: 8 m de altura; 2,8 de comprimento; 20 cm de largura.
21. Estado de Conservação: Regular
22. Análise do Estado de Conservação: Por se tratar de uma peça temporária, a manutenção é simples e serve apenas para mantê-lo até o erguimento da peça definitiva.
23. Intervenções - Responsável / Data: Transposição de lugar - Pe. Sebastião Borges Lima / Segunda metade do século XX.
24. Características Técnicas: Traves retas de madeira (horizontal e vertical), que se cruzam em ângulo de 90°. As traves foram talhadas e serradas artesanalmente. Estão fixadas em solo comum, com entorno concretado e formado em degraus.
25. Características Estilísticas: Crucifixo de grandes proporções posicionado num pedestal de alvenaria em formato latino e elaborada em madeira de eucalipto, está pintada em tonalidade escura.
26. Características Iconográficas: Cruzeiro: A palavra cruz no grego = (stauros, verbo stauroō) que significa primariamente um poste reto ou uma trave, e secundariamente um poste usado como instrumento de castigo e execução. É bom saber que no Antigo Testamento não se usava este método para executar pessoas, mas era usada, como execução, o apedrejamento. Os cadáveres eram pendurados numa árvore, como advertência (Dt 21.22-23; Js 10.26). Tal corpo era considerado maldito (o que explica Gl 3.13) e tinha que ser removido e sepultado antes do cair da noite (cf. Jo 19. 31). Essa prática explica a referência neotestamentária à cruz de Cristo como uma “árvore”, (no grego xylos, At 5.30; 10.39; 13.29; I Pe 2.24) um símbolo de humilhação. Os escritores contemporâneos descrevem a crucificação como a mais dolorosa de todas as formas de morrer. Teologicamente, o vocábulo cruz era usado como descrição sumária do Evangelho da salvação, de que Jesus “morreu pelos nossos pecados”. Assim é que a pregação do Evangelho é a “palavra da cruz” a “pregação de Cristo crucificado” (I Co 1.17 e segs). Assim é que o Apóstolo se gloria na cruz do Nosso senhor Jesus Cristo e fala sobre estar sofrendo perseguição por causa da cruz de Cristo. Neste caso é claro que a palavra cruz é usada para indicar todo o alegre anúncio sobre nossa redenção por meio da morte expiatória de Jesus Cristo. O símbolo mais reconhecido do cristianismo é sem dúvida a cruz, que pode apresentar uma grande variedade de formas de acordo com a denominação: Crucifixo, Cruzeiro, cruz, para os católicos. A cruz (+) é uma figura geométrica formada por duas linhas ou barras que se cruzam em um ângulo de 90°, dividindo uma das linhas. As linhas normalmente se apresentam na horizontal e na vertical; O instrumento da morte de Jesus é mencionado em textos bíblicos como Mateus 27:32 e 40. Ali, a palavra grega stau·rós é traduzida por “cruz” em várias Bíblias em português por saber que o costume dos Romanos era a crucificação. No Novo Testamento, a cruz é símbolo de vergonha e humilhação, bem como da sabedoria da Glória de Deus reveladas por meio dela. Roma empregava a cruz não só como instrumento de tortura e execução, mas também como pelourinho vergonhoso,

reservado para os mais vis. Para os judeus era maldição.

São Sebastião: Mártir cristão, nascido segundo historiadores em Milão/Itália, cidade de sua mãe, e segundo outros em Narbona/Itália, terra natal de seu pai, sendo sua festa celebrada a 20 de janeiro. Passou a maior parte de sua vida em Roma/Itália, ao tempo do imperador Diocleciano. Soldado do exército romano chegou a alcançar o comando de uma coorte (tropa) de pretorianos. Por ser cristão e divulgar sua doutrina, foi denunciado e preso. Diocleciano tentou em vão dissuadi-lo, condenando-o à morte, sentença que os arqueiros se encarregaram de cumprir. Crivado de flechas, São Sebastião foi encontrado por Irene, uma cristã, que, ao retirá-lo da árvore onde seus algozes o haviam amarrado, verificou que o corpo do mártir ainda estava com vida. Conduzido à casa de Irene, São Sebastião se restabeleceu em poucos dias. Insensível às súplicas dos cristãos, apresentou-se ao imperador, que, desta vez, ordenou que fosse açoitado até morrer (c. 255). Seu cadáver, jogado na cloaca de Roma, foi outra vez descoberto por uma mulher, Lucina, a quem o santo apareceu em sonho, pedindo que o sepultasse nas catacumbas, ao lado dos apóstolos. Próximo a este lugar, junto à via Ápia, foi posteriormente construída uma basílica em sua honra. Esta, durante a Idade Média, tornou-se centro popular de devoção e peregrinações. Em Portugal há pelo menos, 92 igrejas que o têm por orago. No Brasil é padroeiro de 144 paróquias, inclusive na cidade do Rio de Janeiro, cujo nome canônico é São Sebastião do Rio de Janeiro. Justifica-se a adoção desse nome pelo fato de que a primeira grande vitória das armas portuguesas contra os franco-tamoios, na região da Guanabara - a batalha de Uruçumirim -, travou-se a 20 de Janeiro.

27. Dados Históricos: Existem duas versões sobre a origem deste Cruzeiro:

Primeira: Por volta do ano de 1896 vivia em Capelinha uma mulher com o nome de Maria Cordeiro, filha do Sr. João Cordeiro. Dona Maria Cordeiro tinha uma filha com chamada Serafina, que possuía uma doença mental. Em Janeiro de 1896, essa moça desapareceu, sua família a procurou por cinco dias não obtendo sucesso.

Naquela época não existiam casas na região onde está o Cruzeiro. Com isso o tio da moça, Sr. Sebastião Cordeiro resolveu ir até o matagal a procura da sobrinha, também com nenhum resultado.

Dona Maria Cordeiro desesperada fez uma promessa a São Sebastião, dizendo que se achasse a filha faria uma homenagem ao Santo.

Novamente a família se juntou e foram procurar a moça no matagal.

Encontraram uma moça morta, queimada de sol, com o rosto já deformado e deduziram que poderia ser ela.

Ela estava deitada debaixo de uma árvore, as folhagens da árvore estavam sob seu corpo que já estava com mau cheiro.

Então chamaram os pais da moça e eles constataram que era ela mesma. A mãe em agradecimento mandou levantar um Cruzeiro com o nome de São Sebastião onde a moça foi encontrada.

Segunda: O local utilizado para erguer o Cruzeiro abrigava um cofre onde os moradores depositavam suas doações em dinheiro para a Paróquia Nossa Senhora da Graça. Segundo contam os moradores mais antigos da Rua João Alfredo, dizia-se que a rua era mal-assombrada e o erguimento de um Cruzeiro afastaria este “mal”. Os moradores decidiram juntamente com “As filhas de Maria” solicitar do Padre José Batista dos Santos, que começou então a pedir esmolas pra população de Capelinha para que se pudesse erguer o cruzeiro, criando então um projeto de elaboração do cruzeiro que foi passado para Pedro Ferreira Dias. Após a confecção do mesmo pelo senhor Pedro Ferreira, o seu erguimento ocorreu num domingo de 1949 após uma missa celebrada pelo Padre José Batista e uma grande festa. O Cruzeiro foi trazido pelos Sr. Pedro Ferreira Dias e pelos moradores e fiéis de Capelinha, sendo que naquela época não havia automóvel motorizado em Capelinha e a Rua João Alfredo era apenas uma ruela de terra onde mal se conseguia passar com carros-de-boi, que eram mais comuns naquela época. Foram utilizados andaimes para colocar o braço do Cruzeiro, que teve

PREFEITURA MUNICIPAL DE CAPELINHA
Secretaria Municipal de Cultura e Turismo / Setor de Patrimônio Cultural
Rua Doutor Hermelindo, 382 – Centro – Capelinha/MG

ajuda de Pedro Ferreira seu idealizador.

O Padre Sebastião Borges Lima deu prosseguimento ao projeto do padre José Batista, já que este foi transferido de Capelinha por causa de problemas políticos. Algum tempo depois o senhor Zé de seu Antônio pintou o cruzeiro com piche.

Era comum a celebração de missas ao pé do Cruzeiro.

28. Referências Bibliográficas:

Revista Iconografia Cristã,

Entrevistas com: Dante Geraldo Guedes de Carvalho, Erci Lopes Barbosa.

Arquivos da Paróquia Nossa Senhora da Graça

Arquivos da Câmara Municipal

Arquivos de José Carlos Machado

29. Informações Complementares: N/R

30-Ficha Técnica:

Levantamento: Wagner Lopes Ferreira	Data: Maio/2008
Elaboração: Wagner Lopes Ferreira	Data: Junho/2008
1ª Revisão: Edson Ramos Rodrigues	Data: Setembro/2010
2ª Revisão: Fernando Cordeiro da Costa	Data: Novembro/2010
Arquivamento: Setor de Patrimônio Cultural	Data: Dezembro/2010